

CRÔNICA: A COMPLEXA NARRATIVA SOBRE A SOCIEDADE

OLIVEIRA, Fabricio da Silva de (UFRJ - CNPq)

O GÊNERO DA ATUALIDADE

Dentre os gêneros literários e jornalísticos, a crônica pode ser considerada o gênero mais complexo. Apesar de ser a narrativa ainda pouco explorada, não há dúvidas de que além de mais complexa se tornou também uma das mais interessantes, podendo ser considerada, a crônica, como o gênero da atualidade. A razão disto se dá pelo fato de muitos teóricos e críticos estarem se propondo a estudar este gênero que nos moldes em que o “conhecemos”, hoje, se trata, na verdade, de um desconhecido, de uma “narrativa nova”.

Este ensaio tem como interesse discutir a forma como conhecidos cronistas espanhóis - Juan José Millás, Félix de Azúa, Julio Llamazares, Rosa Montero e Manuel Vicent - conseguem refletir sobre a sociedade contemporânea a partir desta narrativa que tem seu espaço no jornal para promover a discussão de diversos assuntos de nossa civilização. A crônica passou por transformações desde a sua entrada nos jornais, no século XIX, até os dias atuais, quando tinha como objetivo discutir os acontecimentos das grandes cidades, possuindo assim um teor mais político-social, diferente da crônica pós-moderna que além deste compromisso com a realidade social, também se compromete a registrar o imaginário de uma época.

Deste modo, vale frisar que apesar da vitalidade na época atual, isto é, do auge alcançado na contemporaneidade e do seu grande momento ao ganhar os jornais no século XIX, como citado antes, o gênero é bem mais antigo do que imaginamos. A narrativa surge na idade média e tinha como objetivo relatar acontecimentos históricos e religiosos, como, por exemplo, o nascimento de um nobre ou uma guerra, sendo assim conhecida como crônica histórica. A palavra crônica é derivada do latim *Chronica* e do grego Krónos (tempo), valendo salientar ainda que o significado principal que acompanha esse gênero é exatamente o conceito de tempo.

Basicamente, é possível definir a crônica como um relato de acontecimentos de um determinado tempo, ou seja, neste tipo de narrativa, geralmente, se comenta sobre algo que aconteceu num passado-presente. E isto se faz de forma breve, em prosa, dentro de uma extensão especificada de antemão, pelo jornal no qual a narrativa chega ao público. A complexidade da narrativa se dá desde a sua definição com a existência de discussões entre muitos críticos como, por exemplo, Ángel Rama, Aníbal González, Ricardo Palma, Susana Rotker e Julio Ramos, até o estilo de escrita dos cronistas.

Com isso, em relação a uma definição mais aprofundada da narrativa, a classificação da crônica como um gênero fronteiro, isto é, que se encontra na fronteira da ficção e não ficção, logo, do jornalismo e da literatura, ou como mais um gênero jornalístico, é o que tem promovido discussões e análises distintas entre os críticos. No artigo “Manuel Gutiérrez Najera y la crónica como género de transición o laconfluencia del periodismo y la literatura” (1997), o crítico José Gutiérrez realiza uma revisão bibliográfica de conceituações de diferentes críticos para o gênero crônica, com o objetivo de poder explicar melhor o trabalho do cronista Manuel Gutiérrez Najera.

Nessas perspectivas, diante das várias definições, estamos de acordo com o crítico quando se baseia na consideração de Julio Ramos para entender a crônica

O crítico porto-riquenho propõe uma interpretação da crônica ainda mais avançada que a de González quando a considera como um exercício de *sobreescritura*. Forma jornalística ao mesmo tempo literária, lugar discursivo heterogêneo, apesar de não heterônomo, a crônica pressupõe uma autoridade, um sujeito literário mediatizado pelos limites constrangidos da informação. O literato, que ao “informar” *sobre-escribe*, já que escreve sobre o jornal que lê diariamente, recorre a um “olhar” especificado que desemboca em um exercício de estilização. (RAMOS *apud* GUTIÉRREZ, 1997, tradução minha)¹

Julio Ramos, diferente de González que ressalta o caráter jornalístico da crônica considerando-a uma reportagem (conheceremos melhor adiante o motivo desta concepção de crônica), pensa o gênero como uma reformulação de um texto já escrito, uma escrita sobre outro texto (*sobreescritura*), o que nos faz notar por meio da análise de crônicas dos escritores mencionados acima que a definição do crítico é comprovadamente válida.

Apesar de não considerarmos a definição de González como a mais apropriada, ela tem razão de existir. Não mentia Pinto (2014) quando disse que a crônica é um gênero de difícil conceituação por abarcar características de outras modalidades discursivas. Deste modo, notamos que há crônicas que se assemelham muito às notícias, como há crônicas que parecem ser mais um miniconto, um texto ficcional. De uma maneira ou outra, a crônica é um texto jornalístico que assim como os outros gêneros do jornal tem como função principal tratar da realidade. No entanto, a forma como se trata da realidade, na narrativa, é o que distingue o gênero dos outros

“É a arte de entender, resumir, analisar e plasmar ao público o que é notícia neste mundo”, descreve Jon Lee Anderson, que publicou *Crónica de un país que ya no existe. Libia, de Gadafi al colapso* (Sexto Piso): “Há jornalismo de toda índole, desde o mais transitório – meros sumários do acontecido – até o mais profundo, analítico ou narrativo, com ambições que vão mais além, que tem a pretensão não somente de dar a notícia, mas de nos levar ao lugar dos acontecimentos, de conhecer as pessoas em questão, inclusive de nos fazer viver as suas realidades. Algo deste último jornalismo chega, às vezes, a ser literatura também”. (SAGOBAL, 2015, tradução minha)²

¹ El crítico puertorriqueño propone una interpretación de la crónica más avanzada todavía que la de González al considerarla un ejercicio de *sobreescritura*. Forma periodística al mismo tiempo que literaria, lugar discursivo heterogéneo, aunque no heterónomo, la crónica presupone una autoridad, un sujeto literario mediatizado por los límites constreñidos de la información. El literato, que al “informar” *sobre-escribe*, ya que escribe sobre el periódico que lee diariamente, recurre a una “mirada” especificada que desemboca en un ejercicio de estilización. (RAMOS *apud* Gutiérrez, 1997)

² “Es el arte de entender, resumir, analizar y plasmar al público lo que es noticia en este mundo”, describe Jon Lee Anderson, que ha publicado *Crónica de un país que ya no existe. Libia, de Gadafi al colapso* (Sexto Piso): “Hay periodismo de toda índole, desde el más transitorio – meros sumarios de lo acontecido – hasta el más profundo, analítico o narrativo, con ambiciones que van más allá, que tiene la pretensión no solamente de impartir la noticia, sino de llevamos al lugar de los hechos, de conocer las personas en cuestión, incluso de hacemos vivir sus realidades. Algo de este último periodismo llega, a veces, a ser literatura también”. (SAGOBAL, 2015)

A pesquisadora argentina Amar Sánchez também se propõe a estudar os gêneros jornalísticos que se apresentam não apenas como simples repetições de acontecimentos, mas buscam tratar a realidade de forma única e diferenciada. Em seu livro *El relato de los hechos* (1992), Amar Sánchez realiza, em quatro capítulos, um estudo exaustivo do que chama de *relato de no-ficción*, analisando nos dois últimos capítulos a aplicabilidade de seus estudos nos textos do escritor Rodolfo Walsh. Da obra da estudiosa, nos cabe ressaltar a definição do gênero que se encontra de acordo com o que estamos tratando aqui. Assim, segundo Amar Sánchez, na tensão do ficcional e do real, “a não-ficção se projeta como um gênero “politizado”, isto se deve aos temas de atualidade jornalística que geralmente aborda, enquanto que o uso – aplicação, agregado – das técnicas permite ao gênero ingressar ou se aproximar da literatura” (AMAR SÁNCHEZ, 1992, p. 18, tradução minha)³.

O que notamos com as contribuições dos pesquisadores é que a crônica é realmente um gênero jornalístico não ficcional que leva para o jornal a literatura. É um gênero não ficcional porque não tem como função primária trazer a ficção, porém, isto não impede a presença da ficção na narrativa, por motivos que veremos adiante, e, já que de acordo com Amar Sánchez, “o real não é descritível “tal como é” porque a linguagem é outra realidade e impõe suas leis: de algum modo recorta, organiza e ficcionaliza.” (AMAR SÁNCHEZ, p. 19, tradução minha)⁴. Sendo assim, concordamos que é a crônica este tipo de jornalismo profundo, analítico e narrativo que não nos oferece apenas a notícia, mas conta, descreve, detalha, como comentou Sagobal. Segundo Millás em sua crônica “Escribir”, a literatura serve para contar. Deste modo, baseado nesta descrição do autor e também na consideração de Julio Ramos apresentada antes, não há dúvidas de que é a narrativa um gênero que se encontra na fronteira entre o jornalismo e a literatura, já que conta a realidade de forma específica e diferenciada.

CRÔNICA E SOCIEDADE: A REFLEXÃO DOS CRÍTICOS CONTEMPORÂNEOS

Diante da discussão proposta no capítulo anterior, não há dúvidas de que seja a crônica um gênero fronteiro pelas características que carrega dos domínios jornalístico e literário. No entanto, será que podemos dizer que todas as crônicas são iguais? Que todas se encontram de fato nesta fronteira? Há crônicas mais jornalística ou mais literária? De acordo com a nossa análise feita de crônicas selecionadas aleatoriamente dos escritores Juan José Millás, Félix de Azúa, Julio Llamazares, Rosa Montero e Manuel Vicent, há crônicas que apresentam maior grau de literaturização e sofisticação da linguagem que outras.

Juan José Millás e Manuel Vicent são exemplos de cronistas que trabalham a linguagem comentando a realidade de forma mais complexa. Encontramos em muitas escritas de Vicent, a presença da ficção e da poesia, como é o que acontece em sua crônica “La ceguera”, na qual o autor realiza uma reflexão sobre a realidade por meio de uma reelaboração do mito da vida é sonho, ao apresentar um homem cego que

³ La no-ficción se plantea como un género “politizado”, esto se debe a los temas de actualidad periodística que generalmente aborda, mientras que el uso – aplicación, agregado – de las técnicas permite ingresar o acercarse a la literatura (AMAR SÁNCHEZ, 1992, p. 18).

⁴ Lo real no es describible “tal como es” porque el lenguaje es otra realidad e impone sus leyes: de algún modo recorta, organiza y ficcionaliza. (AMAR SÁNCHEZ, 1992, p. 19)

enxergava nos sonhos. É importante ressaltar que este mito que identifica a cegueira com o verdadeiro conhecimento se encontra já em Homero e é retomado também por Borges. No Barroco espanhol, “a vida como sonho”, se apresenta com insistência em autores centrais como Calderón de la Barca e Quevedo. Vicent, no final da crônica, traz ainda uma crítica à realidade ao dizer que acordar é um duro golpe. Ainda sobre o escritor, na crônica intitulada como “Mañana”, o cronista realiza uma descrição poéticada amanhecer na Catalunha – comunidade autônoma da Espanha - no dia das eleições por sua independência: “Como se não acontecesse nada, amanhã segunda, 28 de setembro de 2015, sairá o sol na Catalunha às 7:42h e iluminará o topo de Canigó e de Montseny, elevações sagradas e também o coração dos vales onde habitam os espíritos da tribo.” (VICENT, 2015, tradução minha)⁵

Millás, não diferente, também em suas crônicas faz uso da ficção e de uma escrita muito sofisticada que recria a tradição conceptista do barroco espanhol⁶, com o uso excessivo de figuras de linguagem. Em seu livro de crônicas *Cuerpo y prótesis* (2000), que reúne crônicas publicadas no jornal espanhol *El país*, nos jornais do grupo Prensa Ibérica e também nas revistas *Fano* e *El Paseante*, o cronista que é também romancista apresenta narrativas que comentam sobre variados temas da sociedade e, em muitas delas, encontramos a ficcionalização da sua própria figura e vida, como, por exemplo, nas crônicas “Mi primer amor” e “Verano 6”. Alias, a ficcionalização do eu é recorrente na escrita de todos os cronistas citados neste ensaio, pois como sabemos, segundo Manuel Alberca (2007), o eu construído para narrar é diferente do eu que escreve, assim como não é o mesmo também que o eu personagem de uma narrativa autobiográfica.

Em contrapartida, existem muitas crônicas, a maioria segundo Suárez (veremos isso adiante), que são apenas, como bem diz Julio Ramos, escritas sobre algo já dito, críticas e reflexões sobre um determinado assunto, sem o uso de uma linguagem tão complexa, apesar disto ser comum nas narrativas dos cronistas já que muitos são romancistas. Encontramos muitas narrativas do cronista Julio Llamazares que se enquadram no exposto acima, por serem reflexões e críticas sobre cultura e política, como a questão da crise dos refugiados em “Refugiados” e as festas tradicionais espanholas em “La tradición”: No nome da tradição, neste país foram feitas e continuam sendo feitas barbaridades sem fim, a maioria utilizando touros para elas, mas também outros animais [...] (LLAMAZARES, 2015, tradução minha)⁷

Diante da complexidade do gênero, a pesquisadora em literatura espanhola Irene Andres - Suárez se propôs em seu artigo “Columna de opinión, microrrelato y articulo: Relaciones transgenéricas (1)” (2005) publicado no jornal *Insula*, a desenvolver uma discussão sobre a crônica usando o término coluna de opinião. Assim como Julio Ramos, a pesquisadora compartilha do mesmo pensamento de que é a crônica uma reformulação de algo já dito: “Não é raro encontrar nelas [nas colunas] uma reformulação da notícia que contam” (SUÁREZ, 2005, p. 25). É importante destacar que podemos considerar crônica e coluna de opinião como o mesmo gênero,

⁵ Como si no pasara nada, mañana lunes, 28 de septiembre de 2015, saldrá el sol en Cataluña a las 7.42 e iluminará las cimas del Canigó y las del Montseny, cumbres sagradas, y también el corazón de los valles donde habitan todavía los espíritus de la tribu.” (VICENT, 2015)

⁶ Para estudar o barroco, recomendamos a leitura da obra “La cultura del Barroco”, do pesquisador espanhol José Antonio Maravall.

⁷ En el nombre de la tradición, en este país se han hecho y siguen haciéndose barbaridades sin fin, la mayoría utilizando al toro para ellas, pero también a otros animales [...] (LLAMAZARES, 2015)

pelas características apresentadas pela própria autora para a sua conceptualização, mesmo defendendo que a coluna de opinião tem uma maior pretensão literária que a crônica

A coluna é um microtexto, uma composição breve em prosa, que surge de uma notícia (ou de mais de uma) ou de uma ideia e expressa opiniões pessoais do escritor (o mesmo que o editorial, apesar deste refletir obrigatoriamente o ponto de vista da empresa, do jornal, não importa quem o escreva), dentro de uma extensão especificada de antemão, e normalmente com maior pretensão << literária >> que a notícia ou a crônica das que procede. (SUÁREZ, 2005, p. 25, tradução minha)⁸

Os estudiosos, geralmente, fazem uma distinção entre as colunas analíticas com ambição de objetividade – mais habituais no jornalismo anglo-saxão que no latino – e as pessoais, ou subjetivas, chamadas comumente colunas de opinião que são as que aqui nos interessam por constituir um gênero intermediário entre o Jornalismo e a Literatura, cultivado por escritores reconhecidos. (SUÁREZ, 2005, p. 25, tradução minha)⁹

Deste modo, como visto na citação acima, a coluna de opinião é um gênero intermediário entre o jornalismo e a literatura, para Suárez, assim como é a crônica, para Julio Ramos. Ademais, a coluna e a crônica possuem a mesma forma, mesma estrutura e mesma função, o que nos leva a considerar que os dois termos fazem referência ao mesmo gênero. Entretanto, seguiremos, neste ensaio, utilizando o termo crônica.

Desta maneira, vale ressaltar que a contribuição de Suárez para o estudo do colunismo, isto é, dos gêneros de coluna é de grande importância, inclusive para o que nos propomos a realizar aqui. A pesquisadora realizou uma tipologia das crônicas por meio de seus estudos a partir das produções de seu país, a Espanha. Segundo a estudiosa, há três formas de categorizar o gênero, são elas

- 1) Coluna-notícia. A maior parte delas [das crônicas/coluna de opinião] entra dentro desta categoria, já que se trata de microtextos realizados à luz da notícia e da atualidade.
- 2) Coluna-ensaio, mais acentuadamente argumentativa; nela os autores refletem, a partir de uma atitude ética e estética, sobre os mais variados temas: históricos, políticos, filosóficos, literários, científicos, etc.
- 3) Coluna-microrrelato, articula de acordo com os parâmetros do miniconto ou mais próximos a ele;
- 4) Coluna-poema em prosa. Verdadeiras e fusões líricas. (SUÁREZ, 2005, p. 26, tradução minha)¹⁰

⁸ La columna es un microtexto, una composición breve en prosa, que arranca de una noticia (o de más de una) o de una idea y expresa opiniones personales del escritor (lo mismo que el editorial, aunque éste refleja obligatoriamente el punto de vista de la empresa, del periódico, no importa quién lo escriba), dentro de una extensión especificada de antemano, y normalmente con mayor pretensión << literaria >> que la noticia o la crónica de las que procede. (SUÁREZ, 2005, p. 25)

⁹ Los estudiosos suelen hacer una distinción entre las columnas analíticas con ambición de objetividad – más habituales en el periodismo anglosajón que en el latino – y las personales, o subjetivas, llamadas comúnmente columnas de opinión que son las que aquí nos interesan por constituir un género intermedio entre el Periodismo y la Literatura, cultivado por escritores reconocidos. (SUÁREZ, 2005, p. 25)

¹⁰ 1) Columna-noticia. La mayor parte de ellas entra dentro de esta categoría, ya que se trata de microtextos realizados al hilo de la noticia y de la actualidad.

2) Columna-ensayo, más acentuadamente argumentativa; en ella los autores reflexionan, desde una actitud ética y estética, sobre los más variados temas: históricos, políticos, filosóficos, literarios, científicos, etc.

Nossa investigação nos faz considerar verídica a tipologia criada por Suárez, visto que nos deparamos em nossas análises com estes tipos de crônicas. É importante deixar claro que estamos analisando as produções escritas e não os autores, o que significa dizer que nos textos que selecionamos notamos que o cronista Llamazares, por exemplo, demonstra escrever mais crônicas-notícias que outros tipos, entretanto, entendemos que não possuímos conhecimento total da obra do escritor e também dos outros, e que o objetivo deste ensaio não é o de rotulá-los, mas de promover uma análise que nos faça entender a forma como estes conhecidos escritores comentam sobre a sociedade pós-moderna a partir da crônica.

Nesse contexto, identificamos nas crônicas que selecionamos de Rosa Montero, a discussão de temas mais pessoais e filosóficos, os quais entrariam segundo à classificação de Suárez na categoria de crônica-ensaio. Em sua narrativa intitulada como “Corazones que piensan”, a escritora realiza uma reflexão, em primeira pessoa, sobre a essência humana, isto é, sobre a existência humana enquanto corpo e alma, corpo e eu, assunto muito tratado também por Millás em seu livro *Cuerpo y prótesis* (2000). Montero traz como referência estudos históricos, religiosos e científicos para demonstrar o quanto sabemos pouco sobre nós, o quanto divergimos e o quanto nos equivocamos quando falamos deste assunto que nos acompanha desde muito tempo. Em outra crônica, “Adúlteros pero leales”, a escritora reflete sobre as consequências do adultério em uma relação e se diz convencida de que as relações extraconjugais fazem bem para a relação principal: Renovam-na, põem-na em evidência, dão-na mais vida e mais valor. Suspeito de que quem reprime uma e outra vez os seus desejos adúlteros, termina carregando essa frustração e esse aborrecimento sobre o seu cônjuge. (MONTERO, 2015, tradução minha)¹¹. A referência às notícias, programas televisivos, entrevistas, livros etc., é corrente na escrita da cronista, assim como a apropriação de um estilo mais leve e claro de escrita, não tão complexo como encontrado nas crônicas de Vicent e Millás.

Félix de Azúa, por sua vez, é mais um dos escritores de crônicas escolhidos para ter algumas crônicas estudadas. Talvez não seja do conhecimento de todos, mas todos nós possuímos um estilo próprio de escrita, isto é, de se expressar através da modalidade escrita apesar desta ser muito mais padronizada e monitorada que a fala. Neste caso, o que distingue um escritor de outro não é o assunto que trata, mas a forma como disserta sobre um determinado assunto. Com isso, mesmo que um autor reflita sobre um assunto já comentados por outros, a maneira como ele faz isso é o que vai tornar o seu texto único e novo. Estamos escrevendo isto porque as crônicas que selecionamos de Félix de Azúa trata do mesmo assunto comentando pelos outros cronistas, a questão dos refugiados, assunto de destaque na Europa atual, e a política da Espanha, porém, é interessante observar a maneira como o autor disserta sobre estes assuntos já tão explorados em suas crônicas.

Para realizar uma crítica ao presidente do país que lê apenas notícias esportivas e não se importa com o incentivo à leitura de livros, o escritor promove antes uma

3) Columna-microrrelato, articula según los parámetros del minicuento o muy próximas a él.

4) Columna-poema en prosa, Verdaderas efusiones líricas. (SUÁREZ, 2005, p. 26)

¹¹ La renuevan, la ponen de relieve, le dan más vida y más valor. Tengo la sospecha de que quien se reprime una y otra vez sus deseos adúlteros termina cargando esa frustración y ese aburrimiento sobre su cónyuge. (MONTERO, 2015)

reflexão sobre o papel, objeto que dá título à crônica de Félix de Azúa. Assim, o cronista comenta sobre o papel desde a sua derivação como produto proveniente da celulosa até toda a importância e significações que este objeto veio recebendo ao longo do tempo e isto com o objetivo de criticar a representatividade do presidente. Já em “Atascado”, o escritor volta a realizar o mesmo fazendo uso de metáfora para criticar a reação dos europeus frente a questão dos refugiados. Para Félix de Azúa, a sociedade está acostumada com a normalidade, com a monotonia, isto é, com a rotina, e quando acontece algo de novo, ela se espanta, acha ser um mal.

Notamos na escrita deste cronista, assim como na de Manuel Vicent e Juan José Millás, um trabalhadiferenciado da linguagem. Os cronistas, mesmo escrevendo para o jornal, brincam com a realidade, transformam-na em jogo, abusam da inteligência para comentar a notícia de forma irreverente, inesperada e original. Não é um jogo o que faz Félix de Azúa em “Papel”? Não está brincando Manuel Vicent quando cria um personagem cego que enxerga nos sonhos? Estes escritores levam para o jornal a *alta escritura*, termo usado por Sagobal para definir a boa literatura, um texto sofisticado. O conceito de *alta escritura* está totalmente de acordo com o que o crítico Antonio Marina chama de engenhosidade. Para Marina, o artista é um jogador porque ele não abre mão de sua inteligência e liberdade criativa

O jogador esgotado da severa figura da seriedade, da ordem dos fins, do interesse e das consequências, percebe-se como um sujeito ativo, exercendo com exaltação a sua liberdade e poderio, a salvo do mundo, que lhe é apresentado. (MARINA, José Antonio. *Elogio y refutación del ingenio*. Barcelona: Anagrama, 1992, p. 40, tradução minha)¹²

Reconhecemos o grande projeto existencial do engenho: A inteligência domina a realidade porque a assimila ao seu jogo, para o qual deve previamente fragmentá-la e desvinculá-la. Cada coisa aparece então desligada da ordem da finalidade e da consequência. Com isso perde a sua seriedade, deixa de ser um perigo e permite que a inteligência disfrute da sua liberdade. (MARINA, 1992, p. 62, tradução minha)¹³

Algo que merece ser comentado também é o uso de imagens para dialogar com a escrita. Tem se tornado comum entre os cronistas, o uso do texto imagético como parte de suas produções, um recurso típico do jornalismo que ajuda a comprovar a veracidade do escrito. Ademais, o jornal *El país* já possui até uma coluna intitulada “La imagen”, na qual se publica apenas crônicas apoiadas por uma imagem. No entanto, nota-se que os cronistas não fazem uso da imagem apenas para comprovar a veracidade do que é comentado, pois em “Unchalecoconsilbato” Juan José Millás faz uso da imagem de um menino provando um colete salva-vidas para escrever sobre a transição da fantasia para a realidade, período pelo qual todos nós passamos. Assim, a crônica, neste caso, não

¹² El jugador se percebe como sujeto activo, ejerciendo con exaltación su libertad y poderío, a salvo del mundo, que se le presenta enfurruñado bajo la severa figura de la seriedad, el orden de los fines, el interés y las consecuencias. (MARINA, José Antonio. *Elogio y refutación del ingenio*. Barcelona: Anagrama, 1992, p.40)

¹³ Reconocemos el gran proyecto existencial del ingenio. La inteligencia domina la realidad porque la asimila a su juego, para lo cual debe previamente fragmentarla y desvincularla. Cada cosa aparece entonces desligada del orden de la finalidad y la consecuencia. Con ello ha perdido su seriedad, deja de ser un peligro y permite que la inteligencia disfrute de su libertad. (MARINA, 1992, p. 62)

nasce como reelaboração de um texto escrito, mas como a escrita de uma imagem, um comentário sobre um texto imagético.

Toda esta hibridez apresentada pelo gênero é uma das características típicas do que críticos como Oleza e Benson entendem como pós-modernismo. Segundo Benson em seu artigo “El postmodernismo y la narrativa española actual” (1996), o pesquisador Hassan defende a ruptura de barreiras tradicionais na cultura ocidental, como, por exemplo, entre a cultura de elite e a popular, entre razão e intuição, tecnologia e mito, dentre outras, como uma importante característica desta nova época. Nessas perspectivas, a crônica se consolida como um grande gênero pós-moderno por romper barreiras como a da realidade e a da ficção, do jornalismo e da literatura, e por proporcionar à cultura de massa o acesso a uma linguagem sofisticada típica do domínio literário. Ademais, outra característica da narrativa que merece ser comentada é a polifonia, isto é, a confluência de vozes que no gênero se apresenta. A análise das crônicas nos faz notar que o narrador criado pelos cronistas assume vários papéis, dando voz tanto ao próprio cronista, como a um divulgador científico, a um cidadão nacionalista, a um imigrante ilegal ou a uma mulher feminista, comentando sobre um determinado assunto, o que chama Oleza de experimentação de uma subjetividade pós-moderna

[...] a experimentação de uma subjetividade pós-moderna, baseada por um lado na consciência de um sujeito descentrado, *desyoizado*¹⁴, apto para uma cultura de sentimentalidade coletiva, e por outro de um sujeito que perdeu a sua universalidade, seu arrogante centralismo, e que se entende como sujeito de diferenças, sujeito relativo, sujeito homem ou mulher, branco ou negro, de primeiro ou de terceiro mundo, do centro ou da periferia. Uma pós-modernidade que aposta, por último, em uma socialização do disfrute estético, concretada na dessacralização dos muros que aprisionaram a arte do modernismo nos tempos da beleza, que aposta na democratização mesma da beleza. (OLESA, 1996, p. 5, tradução minha)¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos notar por meio desta investigação sobre a crônica e a forma como conhecidos cronistas espanhóis comentam sobre a sociedade, a partir da narrativa, que é o gênero, de fato, o mais complexo da atualidade. As divergentes tentativas de críticos modernos de definir um gênero que já existe desde a idade média, mas que sofreu modificações ao longo dos séculos, nos prova que estamos diante de uma narrativa complexa e nova pela forma como ela se apresenta em nossas análises.

A crônica, pelo que vimos, é uma narrativa na qual se pode falar de tudo, desde assuntos pessoais até políticos, sendo a escrita dos outros espaços do jornal, um comentário sobre um determinado tema, tendo como base a realidade. A escrita da

¹⁴ Não existe um vocábulo equivalente em língua portuguesa para esta palavra. No entanto, entendemos que o termo que significa “sem um eu”, “vazio de eu”.

¹⁵ La experimentación de una subjetividad postmoderna, basada por un lado en la conciencia de un sujeto descentrado, desyoizado, apto para una cultura de sentimentalidad colectiva, y por el otro de un sujeto que ha perdido su universalidad, su arrogante centralismo, y que se sabe sujeto de diferencias, sujeto relativo, sujeto hombre o mujer, blanco o negro, del primer o del tercer mundo, del centro o de la periferia. Una postmodernidad que apuesta, por último, por una socialización del disfrute estético, concretada en la desacralización de los muros que encerraron el arte del modernismo en los tiempos de la belleza, que apuesta por la democratización misma de la belleza. (OLESA, 1996, p. 5)

crônica é geralmente fluente e pouco rebuscada por se tratar de um gênero jornalístico, porém, vimos que há espaço também para escritas mais sofisticadas, como faz Millás recriando a tradição conceptista do barroco espanhol por meio do uso excessivo de figuras de linguagem, sátira e ironia, rompendo assim com a barreira que existia entre cultura de massa e cultura de elite no modernismo. Inclusive, o uso da sátira e da ironia, isto é, do humor negro, típico da cultura espanhola, é muito comum na escrita não só de Millás, mas de todos estes cronistas.

Nessas perspectivas, comprovamos o caráter fronteiriço do gênero que leva para o jornal, espaço de domínio da realidade, a criação artística, isto é, a subjetividade. Na maioria das crônicas se prevalece o uso da primeira pessoa, ou melhor, de um narrador construído a partir da figura dos escritores para comentar sobre os assuntos que se propõem. No entanto, os escritores constroem também narradores que dão vozes a outros personagens sociais, uma das características fundamentais da pós-modernidade. Desta maneira, notamos que se trata o cronista, na realidade, de um crítico da sociedade, aquele que apresenta uma visão crítica dos acontecimentos e grandes temas da civilização, longe do objetivismo e da formalidade dos jornalistas e cientistas, dando voz à crenças, sentimentos e sensações, muitas vezes, compartilhadas pela população.

A tipologia criada por Suárez é fundamental para a compreensão do gênero que não se apresenta como uniforme, mas, pelo contrário, como uma narrativa heterogênea, logo híbrida. Além de crônicas que comentam notícias, há crônicas que apresentam um grande grau de literaturização se assemelhando muito ao conto, como há crônicas, também, que se propõem a refletir sobre temas filosóficos, históricos, metafísicos e literários, por exemplo, e crônicas nas quais se inserem recursos poéticos. Chegamos à conclusão, com isto, de que é o gênero crônica uma narrativa sobre a sociedade que comenta não apenas a realidade, mas também apresenta o estado do imaginário de uma época, sob a liberdade de expressão que lhes foi concebida aos jornalistas e escritores com a instauração da democracia, após a morte de Francisco Franco em 1975 e a inauguração do jornal social-democrata *El país* em 1976, e sob a liberdade de criação artística respeitando os limites do gênero, aquilo que o difere de outras narrativas.

REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manuel. 2012. **El pacto ambiguo: De la novela autobiográfica a la autoficción**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

AMAR SÁNCHEZ, Ana María. **El relato de los hechos**. Rodolfo Walsh: Testimonio y escritura. Rosario: Beatriz Viterbo, 1992.

ANDRÉS-SUÁREZ, Irene. Columna de opinión, microrrelato y articulo: Relaciones transgênicas in: **Insula: revista de letras y ciencias humanas**, ISSN 0020-4536, N° 703-704, 2005, págs. 25-28.

BENSON, Ken. Semiótica y modernidad: actas del V Congreso Internacional de la

Asociación Española de Semiótica, **La Coruña**, 3-5 de diciembre de 1992 / coord. por José Angel Fernández Roca, Carlos J. Gómez Blanco, José María Paz Gago, Vol. 2, 1994 (), ISBN 84-88301-91-X, págs. 55-72. Disponible: <http://ruc.udc.es/xmlui/bitstream/handle/2183/8615/CC082art4ocr.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acceso em: 12 abr. 2016

GUTIÉRREZ, José Ismael. Manuel Gutiérrez Nájera y la crónica como género de transición o la confluencia del periodismo y la literatura. In: **Literatura mexicana**. - México, D. F., Vol. 8, Nr. 2, S. 597-623, (1997).

MARAVALL, José Antonio. **La cultura del Barroco** – 11.ª ed. – Barcelona: Ariel, 2008.

MARINA, José Antonio. **Elogio y refutación del ingenio**. Barcelona: Anagrama, 1992. pp. 282.

MILLÁS, Juan José. **Cuerpo y Prótesis**. 2000. De esta edición: 2009, Santillana Ediciones Generales, S.L.

OLEZA, Joan. Un realismo posmoderno. Revista **Insula**, núm. 589-590, en. feb. 1996. Disponible: <http://www.uv.es/entresiglos/oleza/pdfs/realpost.PDF>. Acceso em: 10 abr. 2016

SAGOBAL, Winston Manrique. El periodismo como literatura. **Cultura El país**, dez. 2015. Disponible: http://cultura.elpais.com/cultura/2015/12/07/babelia/1449488114_834844.html. Acceso em: 31 dez. 2016

CRÔNICAS ANALISADAS

AZÚA COMELLA, Félix de. Enjambres. **El país**. Madrid, 8 sep. 2015. Opinión. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/09/07/opinion/1441639676_365412.html

_____. Papel. **El país**. Madrid, 6 oct. 2015. Opinión. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/10/05/opinion/1444066497_614727.html

_____. Atascado. **El país**. Madrid, 23 nov. 2015. Opinión. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/11/23/opinion/1448296364_128605.html

MILLÁS, Juan José. Pérdida de sustancia. **El país**. Madrid, 27 sep. 2015. La imagen. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/09/22/eps/1442923038_714399.html

_____. Futuro y pretérito. **El país**. Madrid, 6 sep. 2015. La imagen. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/08/31/eps/1441030982_974825.html

_____. El malismo. **El país**. Madrid, 26 nov. 2015. Opinión. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/11/26/opinion/1448556400_048704.html

_____. Perplejos. **El país**. Madrid, 15 may. 2015. Opinión. Disponible: http://elpais.com/elpais/2015/05/14/opinion/1431594207_823427.html

_____. Negritud. **El país**. Madrid, 10 jul. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/07/09/opinion/1436429457_108170.html

_____. El hurón. **El país**. Madrid, 17 sep. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/09/17/opinion/1442498726_213633.html

_____. Escribir. **El país**. Madrid, 3 nov. 2000. Tribuna. Disponível: http://elpais.com/diario/2000/11/03/ultima/973206002_850215.html

_____. Un chaleco con silbato. **El país**. Madrid, 21 nov. 2015. La imagen. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/11/16/eps/1447695684_524017.html

LLAMAZARES, Julio Alonso. La tradición. **El país**. Madrid, 3 sep. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/09/02/opinion/1441188187_887322.html

_____. Refugiados. **El país**. Madrid, 14 sep. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/09/11/opinion/1441998258_593529.html

_____. Final en la playa de Barcelona. **El país**. Madrid, 29 ago. 2015. Actualidades. Disponível: http://cultura.elpais.com/cultura/2015/08/29/actualidad/1440874444_674910.html

VICENT RECATALA, Manuel. La ceguera. **El país**. Madrid, 14 nov. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/11/13/opinion/1447429181_724991.html

_____. Mañana. **El país**. Madrid, 23 sep. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/05/21/opinion/1432204122_264371.html

MONTERO GAYO, Rosa. 300 euros. **El país**. Madrid, 6 abr. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/04/06/opinion/1428332738_782028.html

_____. El odio. **El país**. Madrid, 13 abr. 2015. Opinión. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/04/13/opinion/1428937364_516565.html

_____. Ese amor caliente, suave y animal. **El país**. Madrid, 29 ago. 2015. Maneras de vivir. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/08/24/eps/1440433008_557967.html

_____. Adúlteros pero leales. **El país**. Madrid, 11 sep. 2015. Maneras de vivir. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/09/08/eps/1441734189_043627.html

_____. Corazones que piensan. **El país**. Madrid, 3 oct. 2015. Maneras de vivir. Disponível: http://elpais.com/elpais/2015/09/29/eps/1443542611_870607.html

CURRÍCULO

Fabricio da Silva de Oliveira possui graduação em Letras Português / Espanhol (2016) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participante do projeto de incentivo à pesquisa patrocinado pelo CNPq, sendo orientado pela Doutora em literatura espanhola Sílvia Ines Cárcamo de Arcuri, publicou ainda cursando a graduação o artigo “Visões da

infância em *O mundo*, de Juan José Millás”. Como poeta, participou como um dos autores da publicação do livro de poesias *Novos Talentos da Poesia Cesgranrio* (2013).

E-mail: Fabricio_ck1@hotmail.com